

## Tabuletas\*

João do Rio

Foi um poeta que considerou as tabuletas - os brasões da rua. As tabuletas não eram para a sua visão apurada um encanto, uma faceirice, que a necessidade e o reclamo incrustaram na via pública; eram os escudos de uma complicada heráldica urbana, do armorial da democracia e do agudo arrivismo dos séculos. Desde que um homem realiza a sua obra - a terminação de uma epopéia ou a abertura de uma casa comercial - imediatamente o homem batiza-a. No começo da vida, por instinto, guiado pelos deuses, a sua idéia foi logo a tabuleta. Quem inventou a tabuleta? Ninguém sabe.

É o mesmo que perguntar quem ensinou a criança a gritar quando tem fome. Já no Oriente elas existiam, já em Atenas, já em Roma, simples, modestas, mas sempre reclamistas. Depois, como era de prever, evoluíram: evoluíram de acordo com a evolução do homem, e hoje, que se fazem concursos de tabuletas e há tabuletas compostas por artistas célebres, hoje, na época em que o reclamo domina o asfalto, as tabuletas são como reflexos de almas, são todo um tratado de psicologia urbana. Que desejamos todos nós? Aparecer, vender, ganhar.

A doença tomou proporções tremendas, cresceu, alastrou-se, infeccionou todos os meios, como um poder corrosivo e fatal. Os próprios doentes também a exploram numa fúria convulsiva de contaminação. Reparaí nos jornais e nas revistas. Andam repletos de fotografuras e de nomes - nomes e caras, muitos nomes e muitas caras! A geração faz por conta própria a sua identificação antropométrica para o futuro. Mas o curioso é ver como a publicação desses nomes é pedida, é implorada nas salas das redações. Todos os pretextos são plausíveis, desde a festa a que se não foi até a moléstia inconveniente de que foi operada com feliz êxito a esposa. O interessante é observar como se almeja um retrato nas folhas, desde as escuras alamedas do jardim do crime até às *garden-parties* de caridade, desde os criminosos às almas angélicas que só pensam no bem. Aparecer! Aparecer!

E na rua, que se vê? O senhor do mundo, o reclamo. Em cada praça onde demoramos os nossos passos, nas janelas do alto dos telhados, em mudos jogos de luz, os cinematógrafos e as lanternas mágicas gritam através do *écran* de um pano qualquer o reclamo de melhor alfaiate, do melhor livreiro, do melhor revól-

\* Extraído de: RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

ver. Basta levantar a cabeça. As tabuletas contam a nossa vida. E nessa babel de apelos à atenção, ressaltam, chocam, vivem estranhamente os reclamos, extravagantes, as tabuletas disparatadas. Quantas haverá no Rio? Mil, duas mil, que nos fazem rir. Vai um homem num bonde e vê de repente, encimando duas portas em grossas letras estas palavras: *Armazém Teoria*.

Teoria de que, senhor Deus? Há um outro tão bizarro quanto este: *Casa Tamoio, Grande Armazém de líquidos comestíveis e miudezas*. Como saber que líquidos serão esses comestíveis, de que a falta de uma vírgula fez um assombro? Faltou a esse pintor o esmero da padaria do mesmo nome que fez a sua tabuleta em letras de antigo missal para mostrar como se esmera, ou talvez o descaro deste outro: *o maduro cura infalivelmente todas as moléstias nervosas...*

Mas as tabuletas extravagantes são as do pequeno comércio, sem a influência de Paris, a importação direta e caixeiros elegantes de lenço no punho: as vendas, esta criação nacional, os botequins baratos, os açougues, os bazares, as hospedarias... Na Rua do Catete há uma venda que se intitula *O Leão na Gruta*. Por quê? Que tem a batata com o leão que nem ao menos é conhecido de Daniel? De frente dessa venda há, entretanto, um café que é apenas *Café de Ambos Mundos*. E se não vos bastar um café tão completo, aí temos um mais modesto, na Rua da Saúde o *Café B.T.Q.*. E sabem que vem a ser o *B.T.Q.*, segundo o

proprietário? Botequim pelas iniciais! Essa nevrose das abreviações não atacou felizmente o dono da casa de pasto da Rua de S. Cristóvão, que encheu a parede com as seguintes palavras: *Restaurant dos Dois Irmãos Unidos Por..*

Unidos por... Pelo quê? Pelo amor, pelo ódio, pela vitória? Não! Unidos Portugueses. Apenas faltou a parede e ficou só o *por* - para atestar que havia boa vontade. A questão, às vezes, é de haver muita coisa na parede. Assim é que uma casa da Rua do Senhor dos Passos tem este anúncio: *Depósito de aves de penas*. É pouco? Um outro assegura: *Depósito de galinhas, ovos e outras aves de penas* - o que é, evidentemente, muito mais. Tal excesso chega a prejudicar, e andasse a higiene a olhar tabuletas, ofício de vadiagem incorrigível, mandaria fechar uma casa de frutas da Rua Sete, que pespegou esta inconveniência: *Grande sortimento de frutas verdes e secas*.

A origem desses títulos é sempre curiosa. Uma casa chama-se *Príncipe da Beira* porque o seu proprietário é da Beira, uma venda de Campo Grande tem o título feroz de *Grande Cabaceiro* porque perto há uma plantação de cabaças; há açougue *Aliança e Fidelidade* porque é um hábito pôr aliança como título com duas mãos apertadas e fidelidade com um cachorro de língua de fora, bem no meio da parede. Muitos tomam o título de peças de teatro: *Colchoaria Rio Nu*, *Casa Guanabarina*, venda *Cabana do Pai Tomás*. A coisa, porém, toma proporções assombro-



sas quando o proprietário é pernóstico. Assim, na Rua Visconde do Rio Branco há um armazém *Planeta Provisório*, e noutra rua *Planeta dos Dois Destinos*, um título ocultista sibilino; no Catete, um *Açougue Celestial*. Essa dependência do firmamento na terra produz um péssimo efeito e os anjos têm cada braço de meter medo a uma legião da polícia. Outro, porém, é o *Açougue Despique dos Invejosos*, e há na Rua da Constituição uma casa de bilhetes intitulada *Casa Idealista*, naturalmente porque quem compra bilhetes vive no mundo da lua, e há uma casa de coroas, o *Lírio Impermeável* e uma outra, *Ao Vulcão das 49 Flores*. Não é só. Uns madeireiros puseram no seu depósito este letreiro filosófico, que naturalmente incomodará o arcebispo: *Madeireiros e Materialistas*; e há uma taberna muito ordinária, centro de malandrões, em Sapopemba, que se apossou de um título exclusivamente nefelibata: *A Tebaida...*

E os afrancesados que denominam as casas de *Au Bijou de la Mode*; *Au Dernier Chic*, *Queima Chefe*, *Maison Moderne da Cidade Nova*? E os patrióticos que fazem questão da casa de pasto ser *1º de Dezembro*, do açougue ser *1º de Janeiro*? do restaurante ser *Luís de Camões* ou *Fagundes Varela*? E os engrossadores que intitolam as casas de *Afonso Pena* durante quatro anos? E os engraçados, os da laracha boa, que fazem as tabuletas propositalmente erradas, como um negociante da Rua Chile: *Colxoaria de primera Colxães contra purgas e precevejos*?

Mas as tabuletas têm uma estranha filosofia; as tabuletas fazem pensar. Há, por exemplo, na Rua Senador Eusébio, perto da exponte dos Marinheiros, uma hospedaria com este título: *Hotel Livre Câmbio*. Quanta coisa pensa a gente conhecendo o negócio e olhando a tabuleta!

A série é nesse ramo curiosíssima. Há o *Locomotora*, que é naturalmente rápido; há *Os Dois Destinos*, há a *Lua de Prata*, há o irônico *Fidelidade*, tendo pintado uma senhora a pender dos lábios de um senhor... Quantos!

Na Rua Dr. João Ricardo há um restaurante com este título: *Restauração da Vitória*.

- Por que "restauração da vitória"? indagamos do proprietário, o Sr. Colaço.

- Eu explico, diz ele. Há cerca de 30 anos, os espanhóis invadiram a ilha Terceira. Como eram poucos os soldados para repelirem o castelhano, os lavradores soltaram todos os touros bravos na praia da Vitória e dessa maneira os espanhóis fugiram. Os paraguaios resistiram também tanto tempo por causa dos touros importados da Argentina.

- Tudo tem uma explicação neste mundo!

- *All right!*

*All right*, sim! Os títulos das casas, por mais absurdos, como *Filhos do Céu*, por exemplo, têm uma explicação que convence. Há os nefelibatas, os patrióticos *1º de Janeiro*, *D. Carlos*; o diplomático *União Ibérica*, os que engrossam uma certa classe, e até um, na Rua Frei Caneca, pertencente ao riquíssimo Pinho,



cujo título é uma profunda lição filosófica. O hotel intitula-se *Comércio e Arte...*

Os pintores desse gênero criaram uma especialidade: são os moralistas da decadência e usam também tabuletas. Um mesmo, talvez por ter sofrido muito de cara alegre, pôs na Rua de S. Pedro este anúncio: *Fulano de Tal, Pintor de Fingimentos*. E realmente eles atuaram tanto dos proprietários! Um deles, rapazito inteligente, era encarregado de fazer a fachada da *Casa do Pinto*. Fez as letras e pintou um pintainho. O proprietário enfureceu:

- Que tolice é esta?

- Um pinto.

- E que tenho eu com isso?

- O senhor não é Pinto?

- O meu nome é Pinto, mas eu sou galo, muito galo.

Pinte-me aí um galo às direitas!

E outro, encarregado de fazer as letras de uma casa de móveis, já pintara *vendem-se móveis* quando o negociante veio a ele:

- Você está maluco ou a mangar comigo!

- Por quê?

- Que plural é esse? Vendem-se, vendem-se... Quem vende sou eu e sem sócios, ouviu? Corte o *m*, ande!

As letras custam dinheiro, custam aos pobres pintores... O rapaz ficou sem o *m* que fizera com tanta perícia. Mas também, por que estragar? Em S. Cristóvão havia uma *Pharmacia S. Cristóvão*. Desapareceu. Foi a primeira que fez isso na terra, desde que há farmácias. Foram para lá outros negociantes. Como aproveitar algumas letras? Lembraram *foco*, e, como a Academia não chega os seus cuidados ortográficos às tabuletas, arrumaram *Phoco de S. Cristóvão*. Estava uma tabuleta nova só com três letras novas.

Os pintores de tabuletas resignam-se. Eles, os escritores desse grande livro colorido da cidade, têm a paciência lendária dos iluministas medievos, eles fazem parte da grande massa para que o Reclamo foi criado - são pobres. Talvez por isso, um mais ousado, de acordo com certo açougueiro antigo da Praça da Aclamação, pintando uma vez o letreiro *Açougue Pai dos Pobres*, pôs bem no meio uma cabeça de boi colossal, arregalando os olhos, que Homero achava belos, como o símbolo de todas as resignações...

E é decerto este o lado mais triste das tabuletas - brasões da democracia, escudos bizarros da cidade.